



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**GRAZIELI MOREIRA FERREIRA**

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E  
SEUS DESAFIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: A COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DO MONTE RECÔNCAVO (BA)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**GRAZIELI MOREIRA FERREIRA**

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA  
E SEUS DESAFIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: A COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DO MONTE RECÔNCAVO (BA)**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zelinda dos Santos Barros.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**GRAZIELI MOREIRA FERREIRA**

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA  
E SEUS DESAFIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: A COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DO MONTE RECÔNCAVO (BA)**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 04/08/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zelinda dos Santos Barros (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Santos Souza**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Andréa dos Santos Soares**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>5</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>6</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>6</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>7</b>
<b>6</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>7</b>
<b>7</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>16</b>
	<b>Referências</b>	<b>17</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No início de 2020, o mundo foi surpreendido com a letalidade de um novo vírus, o Coronavírus que até o momento matou milhares de pessoas e o Brasil (foram contabilizados quase 700 mil mortos) e obrigou as autoridades nacionais e internacionais a adotarem medidas para o combate do vírus e a proteção das vidas. Entretanto, o que esse vírus trouxe não tem apenas a ver com as mortes, pois, graças a ele, o mundo se reconfigurou e a dinâmica social se transformou, mudando o nosso modo de vida. O serviço de entrega em domicílio (delivery) se tornou um dos serviços mais usados, os capitalistas se enriqueceram mais e os pobres estão lutando para sobreviver, pois subiu o nível de desemprego e as comunidades isoladas ficaram mais isoladas ainda. Diante disto, as universidades e escolas adotaram o ensino remoto como modalidade educativa que corresponde ao “novo normal”.

No ensino remoto, as atividades pedagógicas podem ser mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação desde videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs e outros meios digitais por meio de programas de televisão ou rádio, pela adoção de material didático impresso com orientações pedagógicas distribuído aos alunos e seus pais ou responsáveis pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios indicados nos materiais didáticos (BRASIL, 2020).

A dificuldade de adaptação ao uso de novas tecnologias digitais nas escolas diante da realidade emergencial surgida a partir da pandemia de COVID-19, foi identificada em quase todo o país, não sendo diferente na comunidade remanescente quilombola do Monte Recôncavo. Neste território criado por descendentes de africanos escravizados que, em sua maioria, mantêm tradições culturais, religiosas e luta pelos direitos que vergonhosamente foram tirados ao longo da escravidão racial, as famílias se preocupavam mais em se manterem vivas. A educação ficou como segunda ou terceira opção.

Na formação inicial e continuada de professores/as para a educação escolar quilombola, as diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica destacam a importância da inclusão do estudo de memória, ancestralidade, oralidade, corporeidade, estética e do etnodesenvolvimento produzidos pelos quilombolas ao longo do seu processo histórico, político, econômico. As tecnologias digitais são ferramentas que possibilitam que mantenhamos as nossas

relações mesmo à distância, contribuindo para o fácil acesso e divulgação de informações.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar o uso de tecnologias digitais em escolas da educação básica da comunidade quilombola Monte Recôncavo tendo como o foco das nossas análises a escola de Ensino Fundamental Duque de Caxias e a questão central é: Qual a importância do uso das tecnologias digitais no ensino remoto ministrado no contexto da pandemia na comunidade Quilombola de Monte Recôncavo da Bahia?

O que suscitou o meu interesse sobre esse tema é que, por ser uma mulher negra que vive em São Francisco do Conde, sempre reparei várias coisas acontecendo ao meu redor e são coisas que necessariamente me inquietava: o abandono das comunidades tradicionais quilombolas espalhados pelo país por parte Estado brasileiro, a falta de políticas públicas para essas comunidades em especial a comunidade de Monte Recôncavo na Bahia.

## **2 JUSTIFICATIVA**

A pandemia de COVID-19 deixou todo mundo desprevenido e vulnerável. Com isto, observamos uma certa corrida aos supermercados em que quem tinha melhor condição financeira comprava tudo para ficar em casa sem precisar se expor ao vírus letal; os que não tinham condições financeiras eram obrigados a arriscar para trabalhar, pois o dilema para os pobres era “ficar em casa e morrer de fome ou sair para trabalhar e morrer de vírus”.

Essa emergência ofereceu dificuldade de acesso a lugares públicos e circulação das pessoas nas ruas e o sistema do ensino tinha que achar uma forma de continuar vivo, então como as universidades e as escolas em todo mundo fizeram, a comunidade quilombola de Monte Recôncavo também adotou o ensino remoto como modelo emergencial para dar conta naquele momento crítico que se vivia.

A escola quilombola ainda é um espaço tradicional onde as pessoas lutam por interesses comuns como a preservação das crenças, das tradições, da identidade e da cultura local, portanto socialmente e particularmente espero que essa projeto nos faça pensar a tecnologia digital dentro das escolas na comunidade quilombola Monte Recôncavo, e como esse vem facilitando e melhorar a qualidade de vida social, o

desenvolvimento econômico dessa comunidade a partir dessa inserção da era digital de modo que os habitantes se sintam pertencentes dessa inclusão.

Trazer este tema para o debate vai ajudar a espelhar desde a falta de políticas públicas e o abandono da comunidade quilombola do Monte por parte do Estado e não só, mas as outras comunidades também que por ventura se identificam com esta realidade.

A difusão das tecnologias é compreendida como um avanço da sociedade e, em tese, proporciona uma melhoria considerável nas diversas áreas. Por conseguinte, é importante questionarmos se a inserção da tecnologia digital nas comunidades quilombolas traz apenas benefícios. Neste contexto, é crucial analisarmos de que forma esses conhecimentos têm chegado até os estudantes e como eles estão fazendo uso de todo esse acervo tecnológico.

Acreditamos que as discussões e análises propostas neste projeto não ajudarão apenas a entender como os benefícios do uso da tecnologia digital na educação é ministrada pelas escolas na comunidade quilombola do Monte Recôncavo, mas também servirá como mais um acervo escrito que poderá servir de base de consulta para futuros/as pesquisadores/as com interesse em investigar esse assunto, já que existem poucas obras que debate sobre esse assunto e em particular nesta comunidade.

### **3 OBJETIVO GERAL**

Analisar o uso de tecnologias no ensino remoto na educação escolar quilombola durante a pandemia de COVID-19 na Escola Duque de Caxias na comunidade quilombola do Monte Recôncavo (BA).

### **4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar como as escolas quilombolas passaram a atuar durante a pandemia de COVID-19;
- Identificar como as tecnologias digitais foram utilizadas na escola Duque de Caxias durante a pandemia;

- Analisar como alunos, professores, pais e responsáveis lidaram com o uso de tecnologias digitais no ensino remoto na escola Duque de Caxias;
- Mapear os principais desafios para a implementação do ensino remoto em escolas quilombolas.

## **5 METODOLOGIA**

Para a realização desta pesquisa pretendemos seguir o método qualitativo, conjugando pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de uma determinada realidade social. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto de um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Inicialmente, será realizada uma pesquisa bibliográfica, pois conforme Cervo e Bervian (1976), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Utilizaremos os livros, teses, artigos, dissertações e documentos que nos ajudarão a identificar e analisar os desafios e as demandas do uso das tecnologias para educação quilombola do Monte Recôncavo.

Em seguida, será realizada uma pesquisa de campo. Segundo Minayo (2010), embora haja muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação participante e a entrevista. Faremos as entrevistas semiestruturadas com as diretoras das escolas, professores e pais encarregados dos alunos e alguns alunos sobre o uso de tecnologias digitais durante a pandemia e COVID-19.

## **6 REFERENCIAL TEÓRICO**

Conhecido por sua grandeza territorial por ser o 5º país mais grande do mundo e que teve sua independência decretada aos 07 de setembro de 1922, onde D. Pedro Iº proclamou o grito de independência às margens do rio Ipiranga e o Brasil se



consolidou como uma nação independente. O Brasil tem a sua história marcada por dois adventos (a escravidão e a colonização) que até hoje os vestígios se fazem presentes nas relações sociais, econômicas, culturais e políticas.

Invadido pela colônia portuguesa em 1500, o país serviu como ponto de acolhimento dos escravizados africanos arrancados contra vontade de seus países de origem para que servissem de mãos-de-obras baratas nas plantações açucareiras e cultivo de cacau que até era um negócio rentável para Portugal.

O país foi o que mais recebeu escravizados provenientes do continente, porém foi o último a abolir a escravidão em 1888. A relação desde a chegada dos portugueses até dias atuais sempre foi marcada pela relação de poder baseada na cor de pele e essa relação foi de muito abusado, discriminação e preconceito racial contra a população negra que depois da abolição foram deixados sem terra e sem alguma reparação histórica para que esses possam viver em liberdade.

“O racismo no Brasil é um crime perfeito”, como disse Kabengele Munanga quando este se dava uma entrevista para Fundação Perseu Abramo onde ele fala sobre o mito da democracia racial no país.

Elisa Lucinda ao dar uma entrevista para rubrica diálogos ausentes em 2017 para Itaú Cultural, ela afirma que existe apartheid no Brasil pois "se tem territorialidade, tem apartheid, se eu sei onde encontrar preto, sei onde encontrar branco, tem apartheid". Este apartheid vai desde o privilégio que racismo estrutural (SILVIO ALMEIDA, 2019) cria e mantém privilegios em todas as esferas públicas e institucional do país.

Nelson Mandela uma vez disse que “a educação é a melhor que podemos usar para mudar o mundo” e essa educação se referia a educação escolar que segundo que no ano 1948, as Nações Unidas a declarou como direito de todo ser humano, assegurado pelo Artigo 26 da Declaração dos Direitos Humanos, conforme abaixo:

Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito. (art. 26)

Com esse decreto é obrigação do Estado fornecer a educação regular e de qualidade para toda a população assim permitindo que os pais escolham ou decidam qual o melhor modelo para os seus filhos.

Se a educação é a melhor arma para mudar o mundo, então a escola seria a instituição que fornece o processo de ensino para as pessoas, com a finalidade de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos cultural, social e cognitivo. Mas para formar e desenvolver indivíduos é preciso a priori promover o ato de ensino-aprendizagem que é a pedagogia, para que esses possam aprender e assim tomar consciência dos seus papéis na sociedade. Mas a educação no Brasil, também espelha os privilégios do racismo estrutural, desde o conteúdo que é dado que não promove habitus de classe da maioria (DUBET, 2008; BOURDIEU, 1973) e até condições de infraestrutura escolares entre os grupos.

O processo de ensinar exige recursos didáticos e pedagógicos e uma estrutura escolar para que isso aconteça e não apenas. Os recursos pedagógicos usados para ensinar antes da pandemia ainda são os mesmos, mas outros novos recursos também foram acrescentados para se adaptar ao novo tempo (pandemia) que vem assolando o mundo. Segundo Maria Luiza Belloni (2002) Pedagogia e tecnologia (entendidas como processos sociais) sempre andaram de mãos dadas:

O processo de socialização das novas gerações inclui necessária e logicamente a preparação dos jovens indivíduos para o uso dos meios técnicos disponíveis na sociedade, seja o arado seja o computador. O que diferencia uma sociedade de outra e diferentes momentos históricos são as finalidades, as formas e as instituições sociais envolvidas nessa preparação, que a sociologia chama "processo de socialização".

As formas de socialização atualmente diferem com as antigas, como disse Belloni (2002, p.122) que novos modos de socialização e mediações inéditas, decorrentes de artefatos técnicos extremamente sofisticados como por exemplo a realidade virtual que subvertem radicalmente as formas e as instituições de socialização estabelecidas: as crianças aprendem sozinhas ("autodidaxia"), lidando com máquinas "inteligentes" e "interativas", conteúdos, formas e normas que a instituição escolar, despreparada, mal equipada e desprestigiada, nem sempre aprova e raramente desenvolve. Ainda para ela, as mídias eletrônicas vem assumindo um papel importante no processo de socialização:

Do ponto de vista da sociologia, não há mais como contestar que as diferentes mídias eletrônicas assumem um papel cada vez mais importante no processo de socialização, ao passo que a escola (principalmente a pública) não consegue atender minimamente a demandas cada vez maiores e mais exigentes e a "academia" entrincheira-se em concepções idealistas,

negligenciando os recursos técnicos, considerados meramente instrumentais e deslumbrado. (p.122)

De acordo com Belloni (2002) todas as mídias, as novas como as “velhas”, fazem parte do universo de socialização das crianças, participando, de modo ativo e inédito na história da humanidade, da socialização das novas gerações, este processo tão complexo que transforma a criança em ser social, capaz de viver de modo competente, isto é, “sociável”, em sociedade.

A educação a distância é entendida como parte de um processo de inovação educacional mais amplo que é a integração das novas tecnologias de informação e comunicação nos processos educacionais. Mas essa integração, como eixo pedagógico central, pode ser uma estratégia de grande valia, desde que se considere estas técnicas como meios e não como finalidades educacionais, e que elas sejam utilizadas em suas duas dimensões indissociáveis: ao mesmo tempo como ferramentas pedagógicas extremamente ricas e proveitosas para a melhoria e a expansão do ensino e como objeto de estudo complexo e multifacetado, exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares, e podendo ser um “tema transversal” de grande potencial aglutinador e mobilizador (BELLONI, 2001).

É importante integrar TIC nos processos educacionais porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública (BELLONI, 2002), mas no Brasil, é difícil pesquisar sobre os aspectos propriamente técnicos ou pedagógicos das experiências de uso educativo de tecnologias como a televisão, o computador, a telemática, ou mesmo o rádio, porque esbarramos sempre nas determinações econômicas e políticas.

A escola Duque de Caxias é uma das poucas que existem na comunidade quilombola do Monte Recôncavo que é um grupo étnico quilombola, cuja a definição teremos situar o termo na história, na educação brasileira e na antropologia, assim, os quilombos são um horizonte relativamente esquecidos nas produções acadêmicas, em especial nas educacionais e, são esquecidos por ser tratar de um espaço rural negro. (Nunes, 2006 apud Oldina e Folinato)

Tendo em vista a educação escolar quilombola, pode-se acreditar que o processo de encontro das diferenças e das trocas culturais entre os diferentes grupos são essenciais para a construção da prática dos docentes e na construção do saber dos estudantes, uma vez que nas bases do aprendizado da educação quilombola podem ser encontrados em sua essência os princípios da solidariedade,

fraternidade, respeito e cooperação, conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola. Podemos acreditar que por meio da prática docente, a escola pode gerar capacidade e consciência organizativa (BRASIL, 2012).

Retratar a temática das culturas no cotidiano escolar remete-nos à análise da garantia de oportunidades na educação e no processo de ensino e aprendizagem (CANDAU, 2012 apud NASCIMENTO E FANTINATO, 2021). No cotidiano escolar há que se considerar não apenas os aspectos econômicos e culturais, mas também as oportunidades de expressão, pautadas por parâmetros democráticos, que pressupõem a não negação da identidade do aluno, seja em qualquer ambiente escolar que este esteja.

De acordo com Candau (2012 apud NASCIMENTO E FANTINATO, 2021 ), a escola tem um papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e visibilizar os sujeitos socioculturais subalternizados e negados. A existência de escolas nos espaços de quilombo, portanto, valida a relação entre o patrimônio histórico e a prática educativa nesta localidade.

Conforme a resolução nº. 8 do MEC, os princípios e finalidades da Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, por determinação dos artigos 7º. e 35, Definem, o reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira são elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, e considera as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana (BRASIL, 2012).

Há várias comunidades quilombolas espalhadas no país e cada um tem suas especificidades e as necessidades, mas na pandemia parece que as necessidades tecnológicas e uso de recursos digitais nas escolas quilombolas que não pareciam um problema começou a se tornar um desafio enorme para quase todas as escolas das diversidades comunidades quilombolas no Brasil.

Os esforços redobram, tanto por parte dos professores que teriam que agora trabalhar com conteúdos digitais e a preocupação é que mantenha o nível de rendimento não apenas deles, mas também do aluno; a direção da escola preocupada que não aconteça evasão dos alunos que não tenham condições da internet em casa; os alunos tendo que ficar em casa com mais outras pessoas dentro de casa (há casas onde moram 6 a 8 pessoas) às vezes o ambiente não permite que participe das aulas sem barulho por perto o que possa fazer com o aluno perca a concentração; os

encarregados da educação que antes saíam para trabalhar e talvez dedicar poucas horas para orientar os filhos, agora terão que gastar mais horas acompanhando os filhos dentro casa para que esses acessem as aulas, se o wifi não era obrigatório nas despesas de casa agora vai ser obrigatório, comprar aparelhos móveis e smartphones para o acesso às aulas e realização das atividades.

Essas dificuldades relatadas acima também se constitui a própria dificuldade do pesquisador do campo, como conta Nascimento e Fantinato (2021) ao estarem desenvolvendo uma pesquisa de doutorado sobre “desafios da prática docente na educação escolar quilombola nos territórios do Espírito Santo, com foco nas narrativas de professoras quilombolas e os impactos da pandemia no cotidiano escolar”. Se antes eles precisavam apenas ir até o local e manter o contato face a face, um gravador e o diário de anotações, agora o olhar e as expressões dos participantes na pesquisa com a pesquisadora, deram lugar ao distanciamento com a internet no meio. Entraram o envio de perguntas das entrevistas, de áudios, de links para entrevistas no Google forms, toda a comunicação passou a ser on-line. Os procedimentos metodológicos da pesquisa precisaram ser repensados, como o envio de questões em áudio para os sujeitos da pesquisa e aguardar com paciência o retorno.

Quer queiramos quer não, a internet tornou-se uma parte das vidas de muitas pessoas, e a importância dela já era perceptível antes da pandemia.

Nascimento e Fantinato (2021) contam que nas comunidades quilombolas do Espírito Santo onde a pesquisa foi desenvolvida perceberam que a tecnologia, que parecia tão distante, passou a ser a oportunidade para no futuro dialogar com os alunos em sala de aula, pois eles estavam naquele momento tendo contato com a realidade daqueles professores, que buscavam formas de atuar em sala de aula de uma maneira pouco provável até o advento da pandemia e essa realidade não foi diferente na escola Duque de Caxias.

Assim como nas escolas do meio rural das comunidades pesquisadas no estado do Espírito Santo, o trabalho proposto pela secretaria foi o remoto, com entrega de atividades impressas nas casas das famílias. Só para terem a noção de quais eram desafios que o ensino remoto ofereceu, por exemplo os professores rurais, incluindo os professores quilombolas, elaboram as atividades e enviam para o administrativo da secretaria avaliar as atividades, imprimir, e em seguida enviar para os professores, que vão de casa em casa das famílias entregar as atividades e recolher as atividades já realizadas pelos alunos (NASCIMENTO, FANTINATO, 2021).

No caso dos municípios de São Mateus e Conceição, esses optaram por realizar o ensino remoto, com os professores fazendo a entrega das atividades impressas para os alunos em casa, no período de 15 dias. Esses municípios disponibilizaram transporte para as professoras fazerem a entrega das atividades e recolherem, aquelas que foram entregues no período anterior, uma rotina que não fazia parte da realidade dos professores antes da pandemia. Portanto, a oferta do ensino remoto, o uso de meios tecnológicos poucos utilizados em sala de aula, tem sido uma novidade e um grande desafio para a maioria dos(as) professores(as), em particular os professores das escolas do meio rural, onde estão inseridas as escolas quilombolas (idem, 2021).

Para Behar (2020), acostumados à sala de aula presencial, os docentes tiveram que deixar seu universo familiar e se reinventar. Para a autora, a grande maioria não estava preparada e nem capacitada, para isso o Ensino Remoto Emergencial (ERE) que é “uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada para que as atividades escolares não sejam interrompidas”.

Na metodologia, dissemos que iremos entrevistar a gestora da escola, os professores, os alunos e os pais e encarregados da educação, pois são as partes envolvidas no processo educativo e todas elas sentiram o impacto da pandemia.

Conforme Nascimento e Fantinato (2021), uma das professoras entrevistadas no campo, conta que em relação às questões relativas às condições de trabalho e as adaptações necessárias para o ensino remoto quanto das atividades delas, tem sido “muito difícil, pois a cada dia são novas regras para o planejamento, dificultando o acompanhamento do professor que leciona nas turmas multisseriadas e que possui estudante especial, sendo que é obrigatório planejar e digitar todos conteúdos e atividades diferenciadas semanalmente”. O relato dessa professora indica que as dificuldades são ainda maiores, porque no início da pandemia, os docentes não receberam formação para a utilização de ferramentas tecnológicas necessárias ao desenvolvimento de atividades remotas, pois no início da pandemia as atividades eram voltadas para reforçar as dificuldades dos alunos, mas “aos poucos, o planejamento pedagógico foi se voltando para cumprir o calendário do ano letivo”.

A mesma professora, percebe as dificuldades dos alunos e das famílias para realizar as atividades escolares, que são enviadas para as famílias, porque segundo

ela “os desafios, as tecnologias avançadas pois muitos não estavam preparados para lecionar no EAD, nem as famílias estão preparadas, e outros desafios das famílias é ajudar nas atividades em casa, a relato de muito estresse”. Para ela, o atendimento apenas às demandas formais da secretaria da educação que se dizem respeito apenas a entrega de material impresso e correção das atividades realizadas, não têm surtido o efeito desejado. por isso, é preciso enxergar as dificuldades do ensino remoto na educação escolar quilombola no seu conjunto: escola, professor, família, aluno.

A mesma ainda conta que na escola pesquisada na qual ela leciona, que a secretaria integrou os planejamentos e não teve formação, os alunos recebem uma apostila com o cronograma mensal, os professores postam explicações diárias seguindo o cronograma sendo necessário apenas um celular com internet para acompanhar as aulas.

Outra professora entrevistada, que se chama Jendayi, vai expondo os impactos da pandemia em sua prática no uso das tecnologias quando esta fala: “Eu não fui preparada para a modalidade à distância, eu achei muito a gente ficou muito sobrecarregado, então as crianças quilombolas elas vão ficar um pouco prejudicadas, eu não tenho muita prática em informática”. Com a fala dela . Esta professora denota uma certa preocupação com o ensino remoto na pandemia, com o fato de terem que ir levar as atividades dos alunos para as famílias. Por estarem à frente da organização escolar, os professores do ensino remoto ficam expostos na pandemia, têm contato direto com as famílias.

A professora Jendayi numa das suas falas se mostrou preocupada da forma de ensinar a partir da experiência com a tecnologia, com o fato de assumir uma responsabilidade que não é somente dela, mas do conjunto que compõe a educação no município:

O município de Conceição da Barra, não deu nenhum preparo a gente para poder ensinar se mexer na plataforma ensinar você dá aula online. Eu tive que colocar internet na minha casa que eu não tinha e tive que comprar um notebook para poder funcionar e estou usando a minha sala, sala de aula e a sala da minha casa para poder dar aula (Profª. Jendayi, 05/2020).

Para a Profª. Jafari, os alunos não dominam a informática, e as famílias têm dificuldade para ajudar os filhos nas atividades. Esta professora expõe a realidade da falta de recursos em sua própria casa para ministrar aulas não presenciais, expondo

portanto os desafios econômicos e sociais vivenciados em sua prática docente durante a pandemia.

Vamos até a casa das pessoas entregar e com aquele todos os cuidados para poder não ter acesso a família chega nas casas entregar as atividades. Fazemos as atividades e vamos no carro da prefeitura levá-la para os alunos em casa (Profª. Jafari, 05/2020).

Para a Profª. Chiamaka, “as atividades têm sido sempre feitas de modo a revisar os conteúdos. Atividades revisionais e com tamanho reduzido para que eles não acumulem”(Profª. Chiamaka, 05/2020).

Segundo Patrícia Alejandra Behar (2020 apud NASCIMENTO E FANTINATO, 2021), o ensino remoto e a educação a distância não podem ser compreendidos como sinônimo, por isso é muito importante, no contexto que estamos vivendo, clarificar estes conceitos. Para a autora, o termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus:

Foi preciso pensar em atividades pedagógicas mediadas pelo uso da internet, pontuais e aplicadas em função das restrições impostas pela Covid-19 para minimizar os impactos na aprendizagem advindos do ensino presencial. O currículo da maior parte das instituições educacionais não foi criado para ser aplicado remotamente (BEHAR, 2020, p. 5).

Ainda que este trabalho esteja sendo proposto para uma pesquisa na terminalidade, mas já se pode perceber que os professores estão aprendendo mais do que nunca a criar aulas online/remotas, testando, errando, ajustando e se desafiando a cada dia e os impactos da pandemia para os professores quilombolas da pesquisa, de acordo com suas narrativas, estão concentrados nos desafios de vivenciar a prática docente em ambiente adverso como a sala virtual, a entrega das atividades para as famílias, o não retorno das atividades realizadas.

Como dissemos acima, o país está cheio de comunidades quilombolas e cada uma com suas especificidades e necessidades, mas na pandemia parece que o cenário é quase igual em todas elas no que tange a educação.



## 7 CRONOGRAMA

ATIVIDADE	TCC I			TCC II			TCC III		
Pesquisa bibliográfica	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Sistematização do material de pesquisa			■	■	■	■	■	■	■
Análise das informações			■	■	■	■	■	■	■
Redação do TCC							■	■	
Defesa do TCC									■

## Referências

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 5, de 28 de abril de 2020**.

DUBET, F. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, Ltda.1976.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. UAB/UFRGS. **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS**- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

<http://etnicoracial.mec.gov.br/educacao-escolar-quilombola>

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais)  
<https://www.unidosparaosdireitoshumanos.com.pt/course/lesson/articles-26-30/read-article-26.html> acesso dia 22 de julho de 2022

NASCIMENTO, Olindina Serafim. FANTINATO, Maria Cecília. Prática docente quilombola e os impactos da pandemia na educação. **RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 8, n. 1, p.78-100, jan./jun. 2021.